

**CORONÉIS DE BARRANCO: CONTEXTO POLÍTICO E ECONÔMICO NA
FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE IPIXUNA/AM (1930-1956)**

*Deiglys Alexandre Martins da Silva¹
Luziane Nair Lobato dos Santos²*

RESUMO: A presente pesquisa objetiva evidenciar a gênese dos coronéis de barranco, no período pré-emancipatório do município de Ipixuna-Am, analisando suas dinâmicas e as relações de poder, durante a era dos seringais, no que concerne o auge da produção da borracha na Amazônia. A pesquisa apresenta como recorte temporal os anos de 1930 a 1956, e utiliza como método de pesquisa a entrevista qualitativa com base na História Oral. No desenvolvimento do trabalho, visamos discutir sobre o coronel de barranco, sua relação com seringueiros no contexto amazônico e seu atrelamento com a história local, tendo neste primeiro momento as referências bibliográficas como um arcabouço investigativo. No que faz referência ao resultado da pesquisa, encadeando os estudos bibliográficos levantados, somando com as fontes orais, apontamos que de fato este personagem está diretamente ligado a esta cidade, e que foram os principais agentes determinantes na formação da estrutura política, econômica e cultural desta região.

Palavras-chave: Coronéis. Poder. Amazônia. Ipixuna-Am.

1. Introdução

A historiografia acerca do Sistema Político da Primeira República Brasileira, tradicionalmente, tendeu a destacar a importante força da aliança entre Minas Gerais e São Paulo a chamada política do café com leite, estados que possuíam as maiores bancadas no congresso brasileiro naquele período, e que de certa forma direcionavam os caminhos do país.

No entanto, o cenário Amazônico nesse período, também foi marcado por intensas disputas políticas e por conflitos sociais. Se na época, nos centros do país, chamavam-se de política do café com leite, nesta região em particular, em plena era dos seringais, ocorria o auge do ciclo da borracha, e é exatamente aí, que entra um dos atores centrais da economia amazônica, o coronel de barranco, figura poderosa da Amazônia, que consolidou seu poder através de alianças políticas, controlando e influenciando esta região de forma que impactava, a vida social, política e econômica deste território.

Considerando estes fatos, é premente dizer que o personagem em questão, está ligado de forma direta a região amazônica, e conseqüentemente à cidade de Ipixuna. Nesse sentido,

¹ Graduando do curso de licenciatura em história mediado por tecnologia, Núcleo de Ensino Superior de Ipixuna-Am, NESIPIX, Universidade do Estado do Amazonas-UEA. E-mail:deiglysguitarra@gmail.com

² Mestre em História Social pela Universidade Federal do Amazonas -UFAM. E-mail: luziane.historia@gmail.com

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

este trabalho apresentará, uma discussão sobre os coronéis de barranco, sua relevância na história local, analisando seu papel no processo pré-emancipatório deste município.

O recorte temporal da presente pesquisa é dos anos de 1930 a 1956, pois no ano 1930, iniciou-se uma revolução chamada de Era Vargas, um marco da formação brasileira que assinala o fim da República Velha e a abertura de um novo período histórico brasileiro, e no ano 1956, quando ocorre a emancipação político-administrativa de Ipixuna, se tornando um município independente.

O desejo de desenvolver esse trabalho, também se deu na segunda aula da disciplina história do Amazonas III, onde foi abordado o período em que a colonização de nossa Floresta Amazônica, passou a ser vista como estratégica, para os interesses nacionais, fato que colaborou para o desenvolvimento regional e por conseguinte a esta cidade. Diante disso, adveio o interesse em pesquisar esse espaço, pois preencherá questões relevantes, expondo lacunas de conhecimento para seus munícipes.

Para o levantamento desses dados, este trabalho de pesquisa, utilizará o método de natureza qualitativa, utilizando as técnicas de pesquisa bibliográfica e de entrevista. Esta segunda, coletada por 02 (dois) moradores de Ipixuna-Am, que vivenciaram o período pré-emancipatório deste município, onde irei intercalar os dados bibliográficos e compará-los com as informações cedidas pelos entrevistados.

Como resultado, pretendo trazer à tona a história no contexto coronelista, contada por relatos de memórias dos moradores locais, pontuando a economia, as relações de poder, as influências do coronel de barranco para emancipação deste município, e por fim colaborar de forma relevante através dos resultados desta pesquisa, na estruturação do conhecimento científico desta comunidade local, oferecendo através deste, uma análise sobre a fase pré-emancipatória, fase crucial deste município.

A partir deste tópico, o trabalho se desenvolverá em dois capítulos, o primeiro apresentará uma análise bibliográfica sobre os coronéis de barranco, buscarei compreender e identificar como este personagem se introduziu no contexto amazônico, a datar, da primeira república brasileira em 1889, suas implicações nesta região, e como se deu o poder local, tendo esta figura em ascensão no interior da Amazônia, durante o auge da extração da borracha.

No segundo capítulo, o método de entrevista será a ferramenta empregada, pois a história oral é um instrumento que democratiza a história local, posto que o município não disponibiliza considerável material de pesquisa do seu período pré-emancipatório, logo, esta via de pesquisa permitirá que pessoas que não são privilegiadas nos estudos históricos, tenham suas vozes ouvidas.

Neste sentido, a análise do objeto de pesquisa será dividida em três subtópicos contendo, a dinâmica coronelista local, sua estrutura e relações de poder, e por fim, suas influências que viabilizaram Ipixuna a ser elevada à categoria de município.

2. Coronelismo: compreender o poder local no interior do Amazonas.

O coronelismo constituiu um dos eixos importantes para a compreensão da estrutura política e social do Brasil do fim do século XIX a meados do século XX. Nesse contexto, se faz necessário dizer que houve várias facetas do termo coronel, difundidos no campo militar, social, econômico e político, uma rede de relações que vai desde o representante local de uma comunidade do interior do Amazonas até o presidente da República.

Historicamente a política brasileira por vários motivos, sempre buscou obter relações interligando o regional com o nacional, como podemos observar em uma das referências o autor Victor Nunes Leal (Leal,1997, p.40). Em seu clássico Coronelismo, enxada e voto, ele argumenta que o coronelismo era um acordo entre o privado e o público. A palavra coronel refere-se a um chefe, um patrão, um grande proprietário de terras, um dos alicerces da organização colonial, podendo este ser comandantes de famílias, escravos até mesmo capangas de seus superiores.

Na região Amazônica como em todo o território nacional, também é possível elencar os efeitos destas relações de poder, considerando obviamente as peculiaridades regionais, neste caso, ligado a acumulação de capital, decorrente da extração do látex, obtido da seringueira, de espaços e territórios, não somente no interior, mas também em cidades como Belém e Manaus, onde se localizavam as principais casas aviadoras, ou seja, as casas comerciais que detinham as mercadorias utilizadas no empreendimento mercantil do seringal.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Lugar este, que também residia uma figura emblemática no interior da Amazônia: o coronel de barranco, principalmente nas localidades do interior onde a extração do látex representava a principal fonte de economia.

Este personagem político, introduzido no histórico amazônico, teve sua gênese no cenário da economia extrativista no interior da Amazônia, em meados do século XIX, pois neste período o Brasil se destacava, por ter uma grande reserva de látex, esta matéria prima a borracha, fez-se valiosa. A busca deste produto natural cresceu significativamente, tornando-se uma fonte de acumulação de capital tanto para empresários brasileiros quanto para empreendedores estrangeiros.

Logo, a expansão da borracha acabou gerando transformações na região, no espaço urbano e no mercado de trabalho. Uma das causas da introdução destes agentes comerciais no território amazônico, se deu pelo fato de que, esta matéria-prima, era indispensável, para a elevação das novas tecnologias na época, porém sua comercialização em larga escala tornou-se difícil devido à falta de processos de fabricação e mão de obra. Como diz PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte.

Pressionados pela crescente demanda internacional e beneficiados pelo aumento da arrecadação dos impostos, os governos provinciais e, após 1889, os estaduais, vão assumir como tarefa primordial o fomento da atividade extrativista e a consequente garantia do suprimento de borracha para o mercado mundial. Embora a carência endêmica de capitais na região tenha sido atenuada através da atuação direta das firmas internacionais, algumas das quais funcionando como verdadeiras agências de crédito, o obstáculo maior para a ampliação da produção regional persistia: a escassez de mão-de-obra. (2007, p. 3)

Para resolver essas dificuldades, o governo federal brasileiro em cooperação com as indústrias privadas, começaram a incentivar a imigração de populações nordestinas (especialmente as do Ceará), que haviam sofrido a pior seca de 1.877/78, a maior do século. A convocação de brasileiros das mais variadas regiões do país para a Amazônia, teve seu ápice muito provavelmente neste período, onde o governo se articulou criando o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão vinculado diretamente à Presidência da República, que se ocupava além de censurar, manter o controle dos meios de comunicação, da difusão e da divulgação das mensagens propagandistas.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Em 1940 o DIP teve seu poder ampliado, com a instalação, em cada estado do país, de um Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP). Entre os objetivos do DIP, estavam centralizar, coordenar e orientar a propaganda e auxiliar os ministérios e as entidades públicas e privadas sobre a propaganda nacional, assim como incentivar a arte e a literatura “genuinamente brasileiras”.

Ou seja, o governo em todas as esferas de poder, se apossou dos meios de comunicação existentes da época, com o intuito de mobilizar trabalhadores em larga escala para a Amazônia. Este mecanismo teve duas dimensões: uma nacional e outra local. Na dimensão nacional, a batalha pela borracha se encaixava no programa de ocupação e colonização dos “espaços vazios”, e nos esforços de guerra do Brasil.

Na esfera local, a emigração de nordestinos para a Amazônia era uma questão que contava com uma longa tradição e alguns debates. Um dos destinos mais procurados pelos nordestinos nas conjunturas de seca, e não apenas nelas, era o Norte, especialmente os estados do Pará e do Amazonas. A propaganda para recrutar trabalhadores explorou alguns elementos do imaginário, dos desejos e das emoções, por meio de símbolos e de um discurso direto e apelativo. (Secreto, 2003, p.73).

Logo, ingressados no cenário extrativista amazônico, estes aventureiros estrangeiros, nordestinos ou até mesmo indígenas, deparavam-se com engano das publicidades governamentais, e viam-se isolados, a não ser com a presença do “coronel de barranco”, acumulado a isso, a mínima estrutura para o trabalho humano, uma vez que no âmbito dos seringais, a economia gomífera engendrou um sistema de trabalho extremamente rígido e desumano. A montagem dessa engrenagem espoliativa levou Euclides da Cunha a definir com bastante propriedade o seringueiro como “aquele que trabalha para se escravizar”. (CUNHA, 1999, p. 61).

São notáveis as infelizes experiências dos seringueiros locais, nordestinos e estrangeiros, observadas nas obras de autores que trataram deste tema, como também em demasiadas literaturas acadêmicas, não é possível dimensionar o quanto sofreram de fato, mas, é possível identificar que neste “período de terror”, houve engano, privação, dor e mortes. Nos seringais, quando estes cortavam a seringueira (*Hevea brasiliensis*), os seringueiros tinham sua liberdade de ir e vir restrita. Como afirma Wolff.

A violência marcava a autoridade, o controle, mas também a resistência e a revolta, e assumia o papel de uma linguagem com a qual muitas coisas eram ditas, e que não se diziam de outra maneira. Ela era a linguagem utilizada entre patrão e seringueiro, entre patrão e regatão (comerciante ambulante), entre homens e mulheres, adultos e crianças, e acontecia também horizontalmente. (1999, p. 195)

A exploração do látex, mesmo impondo uma relação de dominação e terror aos indígenas e trabalhadores recrutados do nordeste do Brasil e outras localidades, foi considerada pela administração estatal, conforme Arthur Reis (1953, p.63), como um grande feito na conquista do espaço amazônico. Pode-se destacar, “pontos positivos” a respeito do desenvolvimento da economia gomífera em diversos planos: no internacional, foi a abertura da expansão de produtos industriais pelo mundo; no nacional, o autor aponta o aumento da receita, a incorporação do estado do Acre ao território nacional, o desenvolvimento das cidades de Manaus e Belém, bem como, o desenvolvimento das várias cidades do interior do Amazonas.

Ou seja, essa pesquisa é um estudo do coronelismo no estado do Amazonas, mais precisamente em seu interior entre rios e riachos, uma incessante busca da consciência histórica local, marcada por fatos cruéis do passado extrativista amazônico. Neste sentido, no próximo capítulo, baseado nas contribuições bibliográficas aqui descritas, buscarei compreender como se deu as relações de poder no período anterior a cidade de Ipixuna ser elevada à categoria de município, e como este fenômeno atuou para sua criação.

3. A dinâmica coronelista: sua estrutura e relações de poder que nortearam a formação inicial de Ipixuna.

Este tópico da pesquisa, visa analisar as nuances do poder local, integrando-as aos estudos levantados, com o objetivo de dialogar com as dinâmicas coronelista, que precederam a consolidação de Ipixuna como município. Observando a forma pela qual este fenômeno se estruturou durante o respectivo período, o que certamente irá responder, alguns questionamentos, trazendo à tona evidências que induziram este município ao seu cenário atual.

Ipixuna é uma modesta cidade localizada no interior do estado do Amazonas, situada à margem esquerda do rio Juruá, rio este, afluente do rio Amazonas. Em 18 de fevereiro de 1.956, Varcy Herculano Barroso, seu fundador, o desmembrou do Município de Eirunepé, município vizinho, tendo na outra extremidade o Município de Guajará, que faz fronteira ao

estado do Acre. Ipixuna está a uma distância de 1.380 quilômetros em linha reta da capital Manaus. Considerando o curso do rio, a distância para capital é de 4.383 quilômetros. O nome “Ipixuna” vem do Rio Ipixuna, que é um dos principais afluentes do Rio Juruá e tem cerca de 300 quilômetros de extensão. “Ipixuna” é de origem indígena e significa “águas escuras” e é nome dado pelos povos indígenas Catuquinas, Curinas e Canamans.

O município de Ipixuna na presente data, obtém 68 anos após sua fundação, desenvolvendo-se a passos lentos, isso, dar-se também, a complexidade de sua localização. As riquezas de suas raízes predominantemente nordestinas e indígenas, contidas em seu legado histórico, devem ser desvendadas, para isto, é imprescindível falar dos personagens envolvidos na construção deste município, suas vulnerabilidades e dilemas enfrentados em prol do desenvolvimento desta região.

Porém, durante a produção deste trabalho, foi possível perceber a escassez de fontes de pesquisas a respeito deste município, e as poucas existentes não obtém detalhes do seu período pré- emancipatório. Por isso, é necessário fazer saber, as outras faces da história local, aquelas contadas além do discurso oficial, ou seja, outras vozes, que por vezes foram ignoradas pela elite local, versões que talvez podem desafiar as narrativas dos dominantes, mas, que contribuem na promoção da justiça social, e no enriquecimento da história coletiva, narrativas e memórias compartilhadas pelos menos favorecidos, pois, “a consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos.” (ADICHIE, Chimamanda Ngozi, 2009, p.14).

O passado refletido no presente desta cidade é notório, nele compõe histórias de homens e mulheres, em sua grande maioria nordestinos, que participaram da chamada “Batalha da Borracha” nos anos da Segunda Guerra Mundial. Este fato, teve sua gênese nas interferências do governo Vargas, impulsionado ao episódio da seca de 1932 no nordeste brasileiro.

O governo destinou os nordestinos, a povoar os “espaços vazios” da nação, episódio este que contribuiu para o ingresso dos “soldados da borracha” na região norte do país, nos mais distantes e desconhecidos espaços. Brasileiros que saíram de sua terra natal, trabalhadores rurais do Nordeste, persuadidos a vir para a Amazônia, alimentados pelas publicidades e discursos oriundos da política do Estado Novo.

Muitos nordestinos hesitaram em virar “soldados da borracha”, devido às denúncias de violências e abusos cometidos pelos seringalistas da época, os donos dos seringais, que submetiam estes nordestinos a condições de trabalho que se assemelhava a escravidão, com resquícios de liberdade, tendo suas necessidades básicas, como comida, roupa e remédios, controlados pelos patrões, os coronéis dos seringais da Amazônia.

Isto causou preocupação ao governo Vargas, uma vez manifestado a possibilidade de resistências tanto dos que já residiam, como os que viriam para a Amazônia. Logo, o governo apresentou um novo e estimulante modelo de trabalhador, dando a impressão de um seringueiro moderno, que chegava à floresta com um contrato, direitos garantidos pelo estado e até assistência social e financeira para sua esposa e filhos.

Foi notório o relativo sucesso desta intervenção governamental, fato este evidenciado na entrevista concedida no dia 23 de julho de 2024, pelo Sr. José Correia Moura, 92 anos, que quando questionado da origem de seus pais respondeu, “é, meus pais vieram tudo de lá, eram tudo cearense, eles já vieram pequeninhos de lá”. (MOURA, José, 2024.)

O entrevistado é morador do Município de Ipixuna, e nasceu no dia 03 de julho de 1932, no seringal³ Niterói, comunidade próxima à sede do município de Ipixuna, que aos seus 92 anos de idade, bem espontâneo e lúcido, narrou parte de suas lembranças, em sua modesta casa, onde com segurança respondeu todas as perguntas ali feitas.

Considerando as consequências deste fato temporal, é inegável dizer que, a Amazônia passou a sofrer suas inevitáveis mudanças em virtude da migração nordestina. Dito isto, iremos analisar os seguintes aspectos, a economia extrativista, as relações de poder no campo político, baseando-se na figura emblemática do interior do Amazonas, o coronel de barranco, personagem inserido neste cenário temporal, principalmente nas localidades onde a extração do látex representava a principal fonte de economia do período e por fim elencar sua contribuição para a fundação do município de Ipixuna.

3.1 A economia extrativista local

O ciclo da borracha conectou a região amazônica aos mercados internacionais e facilitou a criação de diversas áreas extrativistas que também foram responsáveis por receber

³ Seringal – Termo até hoje utilizado que representa as unidades produtivas e social da economia da borracha, e constituía na posse de uma imensa área de terra.

imigrantes atraídos pela ideia de enriquecer rapidamente. A vitalidade das cidades, especialmente das capitais Manaus e Belém, tornou-se símbolo de um tempo próspero o chamado período gomífero, descrito pela historiografia como uma "Belle Époque" (DAOU, 2004).

Dessa forma, é possível perceber os efeitos deste ciclo, até mesmo nas regiões mais isoladas do Sudoeste amazonense, como descreve o Sr. Nemésio, 90 anos, morador da cidade de Ipixuna-Am, que segundo seus relatos, o mesmo foi quem escreveu a ata de criação do município de Ipixuna. E que aqui apresenta brevemente as dinâmicas da economia extrativista do período pré-emancipatório de Ipixuna.

Eu trabalhei na seringa por três anos, dois verão e um inverno, a seringa fez parte da minha vida, nasci aqui na primavera (seringal), vivi uma parte da minha vida lá. Aí eu cresci e comecei a trabalhar por minha conta própria, eu me casei, ... E onde lá, no Monte Lígia, (seringal) trabalhava, mais de cinquenta seringueiro, na borracha, tinha as quinzenas, as quinzenas que nós chamávamos, trabalhava a semana, e domingo levava borracha para vender, no barracão, e levava borracha para comprar o mantimento. Eu fui seringueiro, ...meu pai veio do Ceará, ele trabalhava com 10 homens fazendo cana de açúcar com aqueles puxador.⁴

De fato, esta era uma região brasileira, afastada dos polos desenvolvidos, nos aspectos social, cultural e econômico, tornando este espaço territorial, propício para a instalação das práticas coronelista. Segundo Cichocki (2012, p.10) “o coronelismo marcou a nossa história pela implantação do seu projeto político-econômico, encontrado no poder de mando local, um elemento fundamental para a centralização e domínio político”.

O entrevistado, Sr. José Correia Moura, morador desta cidade, afirma ter trabalhado exclusivamente na extração do látex por mais de 20 anos, tanto que conseguiu se aposentar como seringueiro, em seu relato ele diz:

Eu me criei no Pernambuco⁵, eu me casei com trinta e nove anos, e ela (esposa) com trinta, trinta e cinco, mais ou menos, (...) eu cansei de andar, do Pernambuco pra Eirunepé a remo, 280 praias, eu contei, em uma canoa, no remo. O Seringueiro graças a Deus nesse tempo, eu achava melhor que hoje, eu comparo o céu, na nossa casa não faltava nada. Nós comprava do Patrão, produzíamos na fazenda, o papai levava nós para nós escolher a fazenda que nós queria, da bolsa ao calçado de todo tamanho nós tinha, comprava tudo. Quando terminava a seringa, ninguém ia trazer nada de ninguém. Tinha para tirar um inverno todinho, até começar de novo. Nós vendia arroz e trocava por dinheiro ou outra coisa no regatão. Era muitos, era só quando nós

⁴ Sr. Nemésio de Oliveira dos Santos, 90 anos. Entrevista concedida em 04 de julho de 2024.

⁵ Comunidade próxima da cidade de Ipixuna.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

conseguia mercadoria, tinham muitos, com motor grande, com embarcação grande, no seringal que nós morávamos em Pernambuco, veio um industrial, já existia um navio, um navio grande. Ele deixou a carga todinha, descarregou no porto, no Pernambuco, ali no Japurá, descarregava também o navio, todo dia. tinha muita fatura. A prioridade era produzir a borracha, mas plantávamos feijão, muito feijão, não faltava, plantava arroz, nós vendia, para o regatão, trocava por terçado, poronga, enxada, por arma. A borracha não era renda livre, era sujeita, era direito, mas eu fazia borracha, outras borrachas e vendia no regatão, mas essas borrachas eu já vendia escondido, o patrão não gostava.⁶

Neste sentido, é possível afirmar que, o principal modelo econômico no interior da Amazônia, ocorrido entre o final do século XIX e o início do século XX, foi de fato a extração do látex da seringueira, durante o ciclo da borracha. Esse período, foi marcado pela sua intensa exploração, um produto altamente lucrativo, que por muito tempo supriu as necessidades do mercado estrangeiro e das indústrias dos grandes centros econômicos.

Quando questionado sobre as formas de vendas das borrachas e da sua produção na roça o Sr. José diz:

Teve uma vez que eu fiz mais de 500 quilos. No fim do verão tava toda livre. Eu fiz até um com zérigó. Lá atrás ainda mandava buscar no centro livre, quer dizer, tinha o que era sujeito e o livre, pagava a renda, aí vendia para quem quisesse. Nós que embarquemos, meu pai embarcava borracha, lenha pra Manaus ali, todas as coisas de venda, tudo direitinho.

Incorporando este episódio, é possível afirmar que os seringueiros também cultivavam roças de subsistência, e que apesar da eterna vigilância, conseguiam burlar o coronel, (dono do seringal), para manter suas famílias, e conseguir apetrechos domésticos e utensílios, para sua incursão na floresta virgem.

Como por exemplo, a poronga, (lâmparas rústicas feitas com folha de flandres, dentro da qual era introduzidos pequenos frascos com querosene e um pavio, que acesos iluminavam a floresta para o corte da seringa; grande parte delas era “prendida” à cabeça do seringueiro, para que ele pudesse ter as mãos livres para praticar a atividade), com isto iluminavam a floresta amazônica. Conforme demonstrado na imagem abaixo.

⁶ José Correia Moura, 92 anos. Entrevista concedida em 23 de julho de 2024.

Figura 1- Poronga na cabeça de uma seringueira.



Fonte: <https://www.alamy.com/museu-do-seringal-manaus-am-poronga-luminria-lamparina-museu-do-seringal-paraiso-manaus-amazonas-amaznia-norte-do-brasil-brasil-image209003295.html>,
(acessado em 14 de outubro de 2024)

Como dito outrora era no barracão de aviamento, o lugar onde os seringueiros compravam seus equipamentos para conseguirem trabalhar e também seu alimento.

3.2 As relações de poder no campo político

No seringal amazônico, o coronelismo se manifestou de forma acentuada, este evento contribuiu para a manutenção de um sistema oligárquico e excludente, no qual poucas famílias detinham o poder. Essa realidade limitava a participação política de grupos sociais menos favorecidos, perpetuando desigualdades sociais nesta região. Logo, as relações de poder se manifestava através do controle de recursos, como acesso a serviços básicos e benefícios públicos, condicionados a lealdade política.

Essa prática gerava um ciclo de dependência e submissão, muito embora existisse raras exceções, sobre a questão há de se destacar a fala do morador local, o Sr. José Correia Moura, ao ser indagado sobre a relações entre o patrão (coronel) e seringueiro nesta localidade, durante o período pré-emancipatório, diz:

Meu patrão era o Duca Barroso, era o dono do Pernambuco, ele era um homem bom, eu trabalhei na seringa por vinte anos, hoje sou aposentado como, soldado da borracha. Eu me criei no Pernambuco, que é mais antigo que Ipixuna. Sobre meu patrão, ele não tinha acesso aos meus documentos,

ele nunca exigiu que eu votasse, nada disso, pra muita gente ele indicava, mas eu nunca votei a favor de patrão. Eu tive a sorte de ter um bom patrão, mas tinha um seringal, lá no monte Lígia, o véi Herculano, era um coronel, dizem que ele matou até gente, eu não vi, mas até um padre que passou lá falou. Esse padre já morreu, o padre soube, e mandou desenterrar o homem, ele soube que fizeram uma festa pra matar um homem, deve ter sido os guardas que tavam lá no meio.⁷

Nessas comunidades existia uma complexa relação de poder entre os senhores e seus seringueiros, que muitas vezes eram tratados de forma autoritária, pois os coronéis em sua grande maioria detinham grande poder econômico, eles controlavam o comércio local, e muitas vezes impunham dívidas aos seringueiros, criando uma relação de dependência quase feudal.

A partir deste entendimento, é possível detectar em nossa região, fatos deste episódio histórico, como podemos ver na fala do morador entrevistado, Sr. José Correia Moura:

Os coronéis tinham ganhado muito dinheiro com isso, né! No agregado. Ele até entrava no palácio, era o Plínio com ele no governo. Ele não pedia nem licença. Ele tinha liberdade de tudo, era a primeira pessoa. Era fiscal nesse tempo da Lei 5⁸, fiscal do consumo. Lá no monte Lígia, ali era difícil, tem até um tronco, ne! tem até um monte, uma montanha. No seringal que eu morava não tinha violência, agora, a notícia a gente sabia, né, diz que lá tinha um cabeço de amarrar o homem e cair lá embaixo, dizem que mataram muita gente, esses coronéis de lá. Mas isso só acontecia quando havia revolta, só ai que tinha essa violência, o pessoal ocultava, mas a gente sempre sabia.

Logo, é possível perceber que este cenário de animosidade, era corriqueiro nesta região, o trato entre patrão e seringueiro, dependia da subserviência absoluta, evocada pelos coronéis.

3.3 Fatores que contribuíram para a fundação do município de Ipixuna

Diante dos eventos aqui decorridos, é inequívoca a afirmação de que os coronéis de barranco tiveram influência na fundação de vários municípios no Brasil, especialmente durante a Primeira República (1889-1930). Uma vez que, como já evidenciados, os coronéis eram grandes proprietários rurais que exerciam poder político e econômico em suas regiões, nisto, envolvia uma troca de favores entre os coronéis e os governos estaduais e federais. Entende-se então, que houve uma necessidade de estruturação tanto das capitais quanto do

⁷ Sr. José Correia Moura, 92 anos, entrevista concedida em 23 de julho de 2024.

⁸ LEI Nº 5.227, DE 18 DE JANEIRO DE 1967. Dispõe sobre a política econômica da borracha, regula sua execução e dá outras providências.

interior, para se adaptarem a este sistema econômico, político e cultural, e que levou os administradores a modificar o desenho territorial.

Para a consumação deste fato, entravam em cena as alianças de poder, de variados contornos, os coronéis garantiam votos para os presidentes de estado (governadores) em troca de apoio e verbas. Em contrapartida, os presidentes de estado apoiavam o governo federal, que não interferia nas eleições estaduais, ou seja, o poder político, era considerável, a ponto de que essa dinâmica permitia que os coronéis mantivessem controle sobre as populações locais, muitas vezes influenciando diretamente a criação e administração dos municípios.

Neste tópico, o entrevistado Sr. José Correia Moura, descreve como se deu a escolha do local da fundação do Município de Ipixuna. O morador relata o seguinte:

O Varcy foi quem escolheu este local, e tem outra que de Eirunepé pra Cruzeiro era longe demais. Tudo dependia de lá, né! Aí foi fundado Ipixuna. Guajará era uma colônia, só produzia gramixó e farinha, hoje não, hoje ele já tá... Então foram eles mesmo, o pessoal da política. É que o Varcy ganhou muito dinheiro e influencia aqui, houve uma tentativa de que Ipixuna fosse situado lá no monte Lígia, aí não deu certo, porque os Herculanos não quis, porque lá era terra deles, E lá tinha muita seringa, então nunca queriam aceitar, no seringal deles, porque se não iriam perder as terras deles, aí escolheram aqui, quando chegara aqui derrubaram tudo, acabaram com tudo, e nunca pagaram nada a ninguém.

Como podemos, então, ignorar o fato de que a escolha do local para a emancipação de municípios no Brasil, especialmente em regiões como o Amazonas, muitas vezes foi influenciada pelos interesses dos coronéis de barranco? Esses líderes locais, que detinham grande poder econômico e político, frequentemente afeiçoavam as decisões de emancipação para atender a seus próprios interesses. Se utilizavam de suas influencias, para controlar vastas áreas de terra, somado a isso a autoridade sobre a população local. Eles usaram seu poder para garantir que a sede do novo município fosse posta em um local que favorecesse seus interesses.

Isto inclui a proximidade das suas propriedades, o acesso aos recursos naturais e o controle das rotas comerciais. Este processo de emancipação na sua grande maioria, nunca considerou as necessidades reais das pessoas, mas sim os interesses destes líderes locais. A influência do coronel de barranco, foi tão grande que por muitas vezes, determinou o sucesso ou o fracasso das fundações municipais.

Logo, baseado nos dados levantados, agora por fontes locais, neste capítulo, é possível considerar com convicção, as relevantes influências deste personagem para o município de Ipixuna, durante seu período pré-emancipatório.

Esta figura, que através de suas alianças, desenvolveu uma peculiar estrutura, se utilizando do cenário econômico extrativista da época, neste caso, a borracha, somado as relações de poder, exerceu sua autoridade sobre a economia local, controlando grandes áreas de terra, e isso lhes conferia poder econômico e influência sobre a população local nas decisões políticas, como também no social.

Esse controle ia desde o precário fornecimento de infraestrutura e educação, muitas vezes em troca de lealdade e apoio político, como também, o uso da violência e a intimidação contra aqueles que se opunham à eles, ou que tentavam mudar o status quo. Essas influências moldaram a história e o desenvolvimento de Ipixuna, deixando um legado que ainda pode ser visto nas estruturas sociais e políticas da região nos dias atuais.

4. Considerações finais

Este trabalho de pesquisa, apresentou como arcabouço investigativo, identificar a estrutura, as relações de poder, e por fim, as influências dos coronéis de barranco, no período que antecedeu a elevação da cidade de Ipixuna à categoria de município. No entanto, durante a produção deste projeto, houveram diversas intempéries, a principal foi o escasso material de pesquisa, acerca da história deste município.

Diante deste fato, a pesquisa estruturou -se com base na história oral, pois, somente através deste método, consegui realizar este estudo, um recurso na qual considero de suma importância, pois o mesmo, nos permitiu conhecer e preservar os registros de memórias coletiva de um povo, suas experiências vivenciadas, proporcionando um sentimento de pertencimento e identidade dos personagens envolvidos sobre essa temática.

O trabalho foi dividido em dois capítulos de debates. No primeiro, chamado de “Coronelismo: compreender o poder local no interior do Amazonas”, tencionei trazer a luz, como esta figura emblemática foi introduzida no cenário brasileiro, no período pós monárquico. De forma concisa, foram feitos apontamentos sobre seu conceito no contexto nacional, de acordo com os autores. Ainda nesse sentido, a partir desses debates, buscou-se pontuar sua gênese no que confere a região Amazônica.

Neste capítulo, baseado nos autores descritos, evidenciamos que o coronel de barranco está de fato ligado ao ciclo da borracha na Amazônia, e que, o sucesso da sua introdução neste contexto extrativista, só foi possível, por meio da articulação entre os governos, tanto estadual quanto federal, que por vezes se valeu dos recursos criados como DIP, departamento que detinha o controle dos meios de comunicação, que censurava, ao mesmo tempo que incentivava o recrutamento de trabalhadores, oriundo de diversas regiões do país, principalmente do nordeste brasileiro, na esperança de dias melhores, considerando a conjuntura de seca da região.

Quando que na verdade o real motivo da elite brasileira, era alavancar a economia nacional naquele período, envolvendo tanto a extração do látex quanto a exploração dos trabalhadores recrutados

No segundo capítulo, busquei trazer à tona as nuances do coronelismo, encadeando os estudos bibliográficos levantados até então, com as fontes orais, aprofundando esses debates no contexto local. Os objetivos específicos, foram alcançados, considerando os resultados das entrevistas, pois alguns questionamentos de outrora, agora foram aclarados.

Foi possível entender, os motivos de termos raízes nordestinas, conseqüentemente o porquê do termo seringueiro, fazer parte da historiografia local, como também descrever a relação dos coronéis de barranco com esses seringueiros aqui existentes, relação esta, marcada de forma violenta, exploratória, com controle político e econômico.

Dito isto, todos esses aspectos foram determinantes para a fundação do município de Ipixuna, tendo os coronéis de barranco, como os principais agentes determinantes na formação da estrutura política e social desta região, exercendo controle sobre a economia local e nas decisões políticas.

Diante do que foi discutido e apresentado, este trabalho sugere uma reflexão sobre a temática, o coronelismo talvez pode não existir da mesma forma que em nosso passado, mas formas modernas de manipulação política, mostram resquícios do coronelismo, coronéis, já não de barranco, mas de cidades, com novas dinâmicas, redefinindo as interações sociais e políticas, sendo estas, adaptadas às novas realidades.

Para concluir, no desenvolvimento da análise das entrevistas, podemos perceber que os coronéis de barranco, influenciaram e moldaram a história e o desenvolvimento de Ipixuna, deixando um legado que ainda pode ser visto nas estruturas sociais e políticas desta região até hoje.

5. Fontes

Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizei como fontes: referencial bibliográfico e pesquisas qualitativas por meio de entrevistas realizadas no município de Ipixuna-Am.

A primeira concedida em 04 de julho de 2024 pelo Sr. Nemésio de Oliveira dos Santos, 90 anos. E por fim pelo o Sr. José Correia Moura, em 04 de julho de 2024, ambos moradores da cidade de Ipixuna, o que me permitiu melhores predicados no resultado desta pesquisa.

6. Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- CICHOCKI, Irene de Freitas. **Coronelismo midiático**. Monografia (Graduação em Direito) Universidade Regional do noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Santa Rosa, 2012.
- CUNHA, Euclides da. **À Margem da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 40-52. Cf. também: REIS, Arthur César Ferreira. **O Seringal e o Seringueiro**. 2. ed. Manaus: Edua, 1997.
- DAOU, Ana Maria. A cidade, o teatro e o **‘Paiz das seringueiras’**. Rio de Janeiro: rio’s Books, 2014.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: O município e o regime representativo no Brasil**. 3ª Ed Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 1ª ed (1949).
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Nos Meandros da Cidade: cotidiano e trabalho na Manaus da borracha, 1880-1920**. Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007, p. 3-9.
- PINTO, L. F. C. **Coronelismo: uma análise historiográfica**. Locus (Juiz de Fora, Brazil), v. 23, n. 2, 2018.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. **O seringal e o seringueiro**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura. Serviço de Informação Agrícola, 1953. p. 113-114.
- SECRETO, Maria Verônica. **A ocupação dos “espaços vazios” no governo Vargas: do “Discurso do Rio Amazonas” à saga dos soldados da borracha**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 40, p. 115-135, julho-dezembro de 2007.
- WOLFF, C. **Mulheres da Floresta: uma história**. Alto Juruá, AC, 1890-1990, 1999, p.195.
- WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da Floresta: uma história**. Alto Juruá, AC, 1890-1945. São Paulo: Hucitec, 1999.
- Foto Arena; Alamy Stock Photo** Acesso; 26 de junho de 2016;
<https://www.alamy.com/museu-do-seringal-manaus-am-poronga-luminria-lamparina-museu-do-seringal-paraiso-manaus-amazonas-amaznia-norte-do-brasil-brasil-image209003295.html>;
acessado em 14 de outubro de 2024.

Recebido em: 04/11/2024

Aprovado em: 18/11/2024